

O BIÓGRAFO EM VERÃO

Danilo Augustoⁱ

O que mudaria na leitura do romance *Verão* de J.M. Coetzee se o livro viesse assinado por um pseudônimo? E pelo pseudônimo homônimo do seu personagem onipresente, porém calado, o biógrafo Vincent? Nada, é a resposta em que eu apostaria. Nada, exceto a admissão desta interessante possibilidade (que a leitura original não nos veda) de que o livro não seja uma tentativa de autobiografia em terceira pessoa, mas uma biografia romantizada. A biografia acabada – e com ambiciosos anseios literários – do personagem-autor, forjado pelo Coetzee de carne e osso, que é simultaneamente seu biógrafo legista, crítico tardio e discípulo leitor.

Os jogos de espelhos comumente engendrados por esta literatura que passamos a chamar de autoficcional, repetidamente nos oferecem estas alternativas formais de leitura que parecerão, no entanto, alternativas esvaziadas de novas aberturas interpretativas. Isso se a tomarmos pelo seu aspecto mais imediato, que é, justamente, o aspecto de serem apenas interessantes; o de serem meras complexidades formais em um jogo bem construído. Porém, o que é por ela acrescentado? A dedução da possibilidade de que toda a narração de “*Verão*” componha o corpus de uma narrativa biográfica finalizada não acrescenta uma metáfora reveladora ou se constitui como uma passagem decisória do romance, mas antes se apresenta como um desvio, um desfocamento daquilo dado para que prestemos atenção em algo que ali já está presente, mas que não é salientado pela narração.

“*Bom, qual é seu veredicto*”, pergunta Vincent à sua entrevistada na passagem final da segunda parte do livro, parte esta que se constitui por uma longa narração por parte dele. “*Meu veredicto?*”, Margot responde confusa, “*Ainda não entendi: se é um livro sobre John (Coetzee), por que você está colocando tanta coisa ao meu respeito? Quem vai querer ler sobre mim (...)?*” Vincent responde elucidadoramente: “*(...) O que eu pergunto é, pode ficar como está?*”. A pergunta tem o seu lugar porque o leitor já se encontra ciente que o que foi

apresentado a ele para leitura não foram as falas da entrevistada como supostamente elas se desenrolaram no tempo, nem mesmo foi a sua narração em primeira pessoa, mas sim uma adaptação radical feita por Vincent de um entrevista que aconteceu meses antes. Radical é termo empregado pelo próprio personagem. Ele (Vincent) quer dar uma coerência romantizada à fala original de Margot (a qual não temos aceso) e adapta a sua voz narrativa, que é passada para terceira pessoa, à voz de Vincent, porém mantendo a pretensão de ser a voz da entrevistada. “O **ela** que eu uso é com **eu**, mas não é o **eu**”, ele tenta explicar, confusamente.

Ao final, Margot responde: “*Como está não (pode ficar). Quero rever tudo outra vez, como o senhor prometeu.*” Esta inverificável requisição é seguida pela data e o local da realização da entrevista, fechamento repetido nos cinco capítulos de entrevistas do livro, e neste caso: “*Entrevista realizada em Somerset West, África do Sul, dezembro de 2007 e julho de 2008*”. A pergunta é: a quem pertence esta indicação? Pertence a um comentador oniciente e “extranarrativo” que, no decorrer de todo o livro, se limita a essas pontuações isoladas ao final de cada capítulo (e a mais uma meia dúzia de indicações diretas de ações das personagens como “ri” ou “geme”, invariavelmente entre parênteses, remetendo a um estilo arcaico de representação do discurso)? Ou ao oportunista - e não cumpridor de sua palavra - Vincent, que fecha, simultaneamente a um capítulo de Verão (o romance) um capítulo da sua biografia sobre John Maxwell Coetzee?

No romance – se lermos como tal - o nome de Coetzee dificilmente caberá para nomear um alter ego (apresentado ao leitor pela boca de terceiros), mas sim um personagem, apenas um homônimo, um personagem que é o reflexo não da autoconsciência crítica do autor, mas da romanização de uma repulsa aos seus aspectos mais ficcionais. John Coetzee constrói um boneco de palha e lhe dá o seu nome. Esse boneco é apresentado como criação não dele, mas de uma biografia oportunista e pouco escrupulosa e, também, como um saco de pancadas, alvo do que à primeira vista parece ser um grande ressentimento feminino.

Autossabotagem. Está é palavra que parece traduzir o intuito por trás das quase trezentas páginas do romance de J. M. Coetzee. Apático, assexuado, frouxo e misantropo são adjetivos que fazem parte de um conjunto estritamente negativo que irá permear as falas femininas forjadas pelo próprio autor. Mas será que o grande intuito de *Verão* é uma autoinjúria? Coetzee, ao nos apresentar a crítica mais dura que lhe fazem como algo recorrente e inquestionável apela para nossa simpatia, mas ainda antes para nossa desconfiança.

“Ele não é ninguém. Ele não era um homem de substancia”, é o que diz Adriana, que não é sua crítica acadêmica, mas uma antiga paixão do autor. E ela continua na, talvez, uma das passagens mais reveladoras do livro: *“Sei que depois ele ficou famoso, mas ele é mesmo um grande escritor? Porque, no meu entender, talento com as palavras não bastam se você quer ser um grande escritor. Você tem que ser também um grande homem. E ele não era um grande homem”*. Um homem pequeno, apequenado e impotente é o retrato pintado que Coetzee dá ao seu personagem e chará. O biografado pode ter até sido famoso, ganhou o Nobel (o que deve provar algo), mas o homem que essas quatro mulheres conheceram não era especial, muito menos um gênio (é interessante notar que o único testemunho masculino, o de Martin, é tanto mais positivo como exíguo). Mas por que esta escrita masoquista, o que se pretende na autodepreciação?

Adriana continua, mas agora um pouco curiosa. Será que o homem que ela desprezou era alguém afinal? *“(...) Então recorro ao senhor (Vincent). O senhor estudou a obra dele profundamente, está escrevendo um livro sobre ele. Me diga: qual é a sua avaliação dele? Eu estava errada?”*. Lembro-me agora de um recurso que já ouvi ser comum em batalhas de Rap. Um dos desafiantes, normalmente aquele que começa, inicia o repente com uma exposição autodepreciativa, passando por seus pontos fracos mais conhecidos pelos que estão ali presentes. Então, quando a vez é passada ao oponente, suas ferramentas de injúria foram usurpadas e seus adjetivos acusadores esvaziados. Uma tática inteligente e mesmo sofisticada, obviamente uma tática de batalha. Será que Coetzee está interessado em um “seguro crítico”? Em uma aposta e um desafio endereçado à posteridade? *“Olha, eu não era nada bom, era um homem pequeno, um homem*

lamentável. Mas então como é que eu sou o homem que é o pai desta obra?”, seria uma pergunta que talvez esse personagem apático fizesse ao ler a história das suas relações pessoais.

Verão se instala nessa fronteira movediça e imprecisa, em que não se pode decidir se a história de vida de J.M. Coetzee está ali representada, se “John Coetzee” sem faz em J.M. Coetzee, em uma autodepreciação irônica, ou é uma personagem com propostas inteiramente ficcionais; se o gênero biografia romanesca é o mesmo que romance biográfico, ou se o comentado pacto biográfico e autobiográfico ali se mantêm. Utilizando o conceito de pacto de leitura de Lejeune, pode-se afirmar que o texto não declara que se trata do esboço de um romance autobiográfico ou de uma autobiografia sob o disfarce de uma biografia. Mas o próprio desenrolar do projeto biográfico de Vincent aponta para a ficção e para o romance, com seus extensos depoimentos que não poderão ser verificados.

É interessante notar como as cinco entrevistas presentes nos livros seguem um padrão linear de exposição e resposta e como esse padrão parecer ser arbitrariamente quebrado na parte de Margot. A fala, transformada em prosa por parte de Vincent, soa como um pastiche da voz que ouvimos em livros mais consagrados do autor, como *Desonra*. Nós perguntamos qual o intuito desta mudança de narrativa, o que ela significa para o “livro como um romance”? Verão parece ser construído com um recorte de idiosincrasias que, em nenhum momento, demonstra algum anseio ou preocupação em se constituir como um “todo”, como uma unidade. As cinco entrevistas (de quatro mulheres e um homem) são ensanduichadas entre dois excertos que não funcionam nem como uma abertura nem como uma coda ou fechamento, mas como dois apêndices adicionados por um processo que lembra a bricolagem. Esses dois textos são apresentados como fragmentos escritos pela mão “do Coetzee de dentro do romance” ou seja pela mão do personagem biografado. Porém, ainda aqui, o autor é sempre apresentado como “ele”, em um processo análogo ao que Vincent faz com o capítulo de Margot.

Tudo é fragmentado no romance, os depoimentos não são decididamente preliminares ou finalizados, mas são esboços que formam uma biografia fragmentada de muitos “eus” que configuram não o personagem Coetzee, mas a imagem que se tem dele, a própria intenção do personagem, o biógrafo Vincent. Se, como primeira intenção, tivermos a necessidade de criar a imagem do personagem Coetzee, tudo escapa. Mas porque deveríamos buscar acreditar que essa história é de uma vida real? Porque a imagem ambivalente de um ser humano que viveu e conviveu socialmente nos parece aceitável e mesmo preferível diante da imagem de autor renomado instituída pela opinião pública? Adentramos facilmente nesta história e a veracidade torna-se irrelevante. Coetzee quer brincar de esconde-esconde com um personagem (ou vários) que poderia ter sua imagem e semelhança e inclusive seu nome, mas não dá garantias de nada, a verdade e a mentira tornam-se irrelevantes.

O primeiro excerto, o que abre o livro, seriam páginas de seu diário, um pequeno projeto inacabado de um livro nunca começado, uma autobiografia. O excerto final são “fragmentos sem data”, considerações e meditações espalhadas em cadernos. São textos póstumos, são a ficção dos “textos do baú”, frutos do interesse arqueológico da crítica, do interesse por tudo aquilo que foi escritor por aqueles que são chamados autores. Mas, ainda aqui, pouco nos aproximamos de Coetzee, seja ele o autor que escreveu *Verão* ou o objeto de estudo de Vincent. Coetzee se constitui como personagem para falar sobre si mesmo ainda como outro.

A nós, os leitores, não são dadas muitas pistas. Nós devemos tentar preencher as lacunas de uma imagem obtusa e escorregadia dentro de uma obra que pretende, por questões notórias do gênero constantemente referenciado, revelar uma identidade. Nas cinco entrevistas cuja transcrição o leitor lê, com as perguntas e as respostas, nos moldes costumeiros do gênero, vai-se afigurando esse personagem que nos seus cadernos e diário mencionava a si mesma na terceira pessoa. Sob pontos de vista diversificados, a partir de quadros de pensamento diversos, descrevendo cenas ou narrando lembranças, os relatos são todos fragmentários e não coincidem no retrato ou na avaliação do biografado. Todos os entrevistados conheceram “John Coetzee”, falam

do que recordam dele, do que sentiram a seu respeito, mas, paradoxalmente, é “John Coetzee” a figura quem menos aparece. A evocação de sua memória – já que ele se encontra morto – é embaçada, desviada e nunca alcançada.

ⁱ **Danilo Augusto de Athayde Fraga** é um jovem poeta e ensaísta de Salvador.

Contato: danilodeathayde@ymail.com